

A cultura campeira cavalga para o esquecimento

Ulisses de Arruda Córdova¹

Nas últimas décadas, estima-se que mais de 400 mil hectares de campos naturais foram substituídos por monoculturas no Planalto Sul de Santa Catarina. Esse fato teve reflexos diretos na economia. O impacto ambiental ainda não foi devidamente avaliado, embora nos anos mais recentes algumas áreas da Coxilha Rica, o agroecossistema mais preservado de Santa Catarina – e quiçá do Brasil meridional –, venham sofrendo o impacto dessa substituição das pastagens naturais por outras atividades. É importante lembrar que nessa famosa região pastoril se formam rios e outros mananciais de águas límpidas que contribuem para o abastecimento do Aquífero Guarani, o imenso mar de água doce que se encontra no subsolo do Mercosul.

A permanente substituição dos campos naturais tem influência direta no aspecto social, pois está provocando uma migração muito grande de serranos para a cidade pólo (Lages) e centros industrializados ou com o setor de serviços mais desenvolvido, como Blumenau, Joinville, Caxias do Sul, Grande Florianópolis, entre outras cidades.

Essa migração provoca transformações em toda a sociedade. Uma delas é o desaparecimento da cultura do homem serrano ligado ao setor rural. Cultura essa que foi formada no lombo de cavalos e pelo casco afiado de mulas. Foram séculos de tropeirismo, de lida diária com o gado, que formou um tipo social peculiar habitante dos campos

de altitude de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul: o serrano. Fenótipo falquejado na vida de tropeiro e pioneiro desbravador que o mantinha sempre alerta, com o silêncio sendo quebrado apenas pelo canto melódico ou de alerta dos pássaros e pelo bate-casco das tropas. O isolamento geográfico, a solidão das rondas noturnas e das grandes cavalgadas tornou-o de poucas palavras. Conforme o escritor Dante Martorano “disso tudo (...) ocupando o Planalto, resultou o serrano. Tipo físico definido. Atividades econômicas semelhantes, em toda a serra catarinense. Uma linguagem própria nas suas corruptelas (...). Até em seus costumes e sua cultura, um mundo próprio, o do Planalto Catarinense”.

O historiador lageano Licurgo Costa registrou opinião semelhante: “a vida rural dos pioneiros, difícil, dura, isolada, teria fatalmente de influir no seu temperamento social. A ‘cara amarrada’ presumivelmente representa apenas uma postura permanente de legítima defesa subjetiva. Conservaram o espírito sempre em estado de beligerância”.

O professor Oswaldo dos Santos encontra a seguinte explicação para o perfil do homem serrano: “Os campos de Lages formam uma área culturalmente definida e essa área abriga uma população que direta ou indiretamente se identifica com a economia pastoril e que difere, em maneiras de ser e agir, da população litorânea (...), dando à população serrana uma identidade à gaúcha”.

A contribuição do tropeiro ou do homem serrano vai muito além das questões culturais e econômicas, como frisou a historiadora Zélia de Quadros Lemos: “O tropeirismo serviu de marco de posse do domínio português (...), a qual estava sempre dependendo de novos tratados [nunca cumpridos] entre Portugal e Espanha; além disso, unindo o Rio Grande ao restante do Brasil, contribui para a expansão do território pátrio”.

Mas infelizmente usos e costumes serranos vão cavalgando – quase a galope – para o desaparecimento. E muitos aspectos do folclore (música, dança, festas, pilchas, montarias, etc.) não foram registrados ou estudados com a atenção que merecem. À medida que as pessoas vão deixando o campo rumo aos centros maiores, perdem o contato com as suas raízes e passam a adquirir novos hábitos, influenciadas pelos canais de comunicação e as novas relações no meio urbano.

Será que os jovens que hoje vivem nas cidades, mas cuja origem dos pais são o meio rural, sabem o que é um pixurum, conhecem a ratoeira, uma cangalha, uma bota lageana, uma surpresa, um camargo, uma guaica serrana, um tirador da serra, um lombilho e tantas outras marcas de nossa cultura? Provavelmente, a maioria não.

Todo processo cultural é dinâmico, jamais estático. Mas o que preocupa não é a evolução, mas sim a ruptura e o esquecimento das origens, da querência. E essa preservação é fundamental, pois é o que identifica um povo, uma região. E pode se tornar, inclusive, um produto turístico importante. Para isso, governos, universidades, iniciativa privada e entidades não-governamentais precisam investir mais em estudos e pesquisas sobre o modo de vida das etnias regionais. É também necessária a implantação de políticas públicas direcionadas e que oportunizem a essas pessoas a permanência no meio rural. Mesmo por que a cultura é uma das vertentes do desen-

¹Eng. agr., M.Sc., Epagri/Estação Experimental de Lages, C.P. 181, 88502-970 Lages, SC, fone/fax: (49) 3224-4400, e-mail: ulisses@epagri.sc.gov.br.

volvimento e preservá-la não significa parar no tempo e sim evolução consciente de que progresso não é antagônico aos valores históricos dos povos.

Também no aspecto agrônomo há perdas irreparáveis com essa “erosão humana dos campos”. Inicialmente, pela redução de pessoas produzindo alimentos no meio rural, afetando as dimensões econômicas e espacial do desenvolvimento. Mas igualmente por outro fator ainda não dimensionado: a erosão gênica de recursos vegetais típicos utilizados por essa população. Quantos genótipos de frutas, grãos, hortaliças, forragens e outros vegetais estão sendo extintos com a migração campeira? Com toda certeza, dezenas, talvez centenas. E existem poucas iniciativas para preservação desses materiais, que podem ser extremamente importantes em trabalhos de melhoramento genético. Há algumas décadas, existiam produtores de maçã, alfafa, batata, milho, feijão que não utilizavam adubo solúvel, calcário e muito menos pesticidas. Alguns ainda continuam trabalhando, principalmente com grãos. Claro que faziam ou fazem uso de variedades antigas e adaptadas à ausência desses insumos. E onde estão essas variedades? Muitas já foram extintas, outras se encontram de posse de alguns desses produtores que ainda resistem no meio rural ou, no caso de frutíferas, em taperas abandonadas. E, de forma quase inacreditável, muitas continuam produzindo. São videiras centenárias espalhadas em beira de matas, macieiras, pessegueiros, pereiras, figueiras, ameixeiras e outras que desafiam o tempo e o descaso do próprio homem e teimam em se perpetuar, mesmo no abandono e em condições tão

adversas.

Outra questão importante, mas que ainda tem tempo de ser resgatada em parte, é a culinária típica serrana, que usava como ingredientes produtos vegetais dessas variedades adaptadas. Eram as famosas figadas, marmeladas, geléias de pêssego, doce de batata, doces de maçã, doces de gila, pêra que, guardadas em caixas, duravam até a próxima safra desses produtos, sem conservante ou qualquer outro aditivo químico.

E a medicina campeira, está sendo definitivamente perdida? O processo migratório campo-cidade indica que sim. Aquilo que nossos antepassados levaram anos para descobrir e usavam no dia-a-dia não está sendo registrado e caminha também para o esquecimento, pois, quando as pessoas migram para os centros urbanos, passam a usar fármacos, prontamente disponíveis, mesmo porque não dispõem mais da matéria-prima para elaborar os remédios caseiros.

A sociedade serrana tem origem pastoril e, ao longo de séculos, devido ao tropeirismo, teve um intercâmbio cultural intenso com os povos mais ao Sul (Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) e também ao norte para onde levavam suas tropas para comercializar. Isso resultou nesse tipo social único, com diversas influências nos usos e costumes. Exemplo é o linguajar que incorporou palavras do espanhol, dialetos africanos, dos povos nativos da Região Serrana e de outros locais, como os guaranis, araucanos, minuanos, quíchuas, etc. E claro dos paulistas, que é a descendência principal. Porém esse linguajar também está comprometido pela migração e litoralização em curso.

Vale repetir as palavras de Hugo

Wenceslau do filme *Misiones* (1989): “a última coisa que um povo submetido entrega ao opressor é sua língua. Antes da língua vão-se as tradições, os costumes, o conceito de homem e de vida, as crenças, as supertições e os ritos”.

Ignacy Sachs, economista polonês naturalizado francês e um estudioso do brasileiro, afirma que o desenvolvimento sustentável possui cinco dimensões: econômica, ecológica, social, cultural e espacial. A migração da população serrana afeta diretamente todas. Isso significa que, se o modelo atual não for alterado, poderemos ter algum crescimento, mas jamais desenvolvimento sustentado. E nossos descendentes terão o futuro comprometido em seus rincões natais. Tornar-se-ão herdeiros de uma geografia degradada, onde talvez não existam mais campos e nem a cultura de seus antepassados, formada numa época de ocupação de vastas pastagens, tropeadas, demarcação de fronteiras, caça a rebanhos alçados, lidas com o gado, entre outros fatos históricos marcantes. Esses legados estão desaparecendo sob o domínio do poder econômico. E também pela incompreensão de governantes que não souberam entender as verdadeiras aspirações do povo serrano e não o apoiaram na sua vocação histórica, que é o trabalho com pecuária, há séculos enraizada no subconsciente do modo de vida e eternamente ansioso por “madrugadas e gado em pastoreio”.

Espero que acordemos a tempo de salvar um pouco do que resta dos campos naturais e a cultura de seus habitantes, patrimônios material e imaterial que tanto nos caracterizam como “Serranos, Sim Senhor”.

REDE LABORATORIAL DA EPAGRI

Análises de sementes

- Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar - Chapecó
- Estação Experimental de Itajaí

